A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA IDEOLÓGICA DO DISCURSO RELIGIOSO

Ricardo Lopes Firmino[1]
Sonia Maria Alves[2]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise em semântica argumentativa ideológica do discurso religioso. A semântica argumentativa se preocupa com o emprego da linguagem e está intrinsecamente vinculada à linguística que explica o significado do signo sem intervir, necessariamente, no campo extralinguístico, de modo que não explorará sobremodo as influências interdiscursivas, antes estudará os sentidos inferentes que se reproduzem no discurso, de modo que este diagnóstico se sustenta em seus fundamentos epistemológicos, como a relação entre locutor e interlocutor. De maneira que o locutor, ao discursar, interpreta-o e reinterpreta-o, saturando-o de reflexões ideológicas, que corroboram seu argumento persuasivo, coagindo seu alocutário a ser parte de seu programa seja político, educacional ou religioso. De maneira que a argumentação é inerente à linguagem, e não está incorporada ao sentido, mas o constitui. Por conseguinte, seu objeto de estudo é o sentido linguístico reproduzido, não na língua, antes na forma discursiva de empregá-la. De forma que os vários textos discursivos que permeiam a sociedade, far-se-á a abordagem do discurso religioso tão presente neste momento histórico da era tecnológica como esteve presente na literatura acadêmica do século XVII. Em síntese, o discurso religioso é um conjunto de enunciados impregnados institucionalmente pelos dogmas da ordem que, através de seus agentes discursivos e camuflando a intencionalidade da elite dominante, usará da persuasão e de sua influência carismática para manter o fiel cerrado num mundo delimitado à esfera religiosa, alienando-o de sua realidade social e globalizada em que a liberdade de pensar e expressar-se ganha espaço. Estudaremos, portanto, os modos que se produz o argumento, bem como o engendramento ideológico do discurso religioso.

Palavras-Chaves: semântica; argumentação; ideologia; discurso.

ABSTRACT

This article aims to make analysis in ideological argumentative semantics of religious discourse. The argumentative semantics is concerned with the use of language and it is intrinsically linked to language that explains the meaning of the sign without intervening necessarily in extra-linguistic field, that is, not deeply explore the interdiscursive influences, before studying the deducted senses that is reproduced in speech, so this diagnosis is based on its epistemological foundations, such as the relationship between speaker and listener. So the speaker, to produce his speech, interprets it and reinterprets it, carrying the ideological reflections, which aims to ratify its persuasive argument coercing his receptor to be part of your political, educational or religious program. So the argument is inherent in the language, and is not incorporated into the sense, but it is. Therefore, the object of study is the linguistic sense reproduced, not in the language before the discursive way to use it. So that the various discursive texts that permeate society, it shall be done the religious discourse approach so present in this historical moment of the technological age as was present in the academic literature of the seventeenth century. In summary, the religious discourse is a set of impregnated set out institutionally by the dogmas of the order through its discursive agents, disguising the intent of the ruling elite will use persuasion and his charismatic influence to keep the faithful locked within a defined world to the sphere religious, alienating it from its social and global reality in which the freedom to think and express themselves gaining ground. We study therefore the ways that takes the argument and ideological engendering of religious discourse.

Keywords: semantic; reasoning; ideology; speech.

---

[1]Acadêmico e Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade Nilton Lins, Matrícula nº 14007803. LET 062. E-mail: ricardofirmino33@gmail.com
[2] Orientadora do TCC, Docente Especialista em Literatura e Ensino Superior.

1 INTRODUÇÃO

No estudo da Análise do Discurso desenvolvida neste trabalho, delimita-se essa pesquisa em Semântica Argumentativa Ideológica do Discurso Religioso, que tem como objetivo investigar como o discurso semântico pode influenciar as mudanças sociolinguísticas, provocando as mutações na linguagem, bem como conhecer os mecanismos utilizados pelos agentes destes discursos que, em seu argumento, fazem distinção entre sagrado e profano com a intenção de persuadir o ouvinte. Simultaneamente, diagnosticaremos a essência ideológica dessa argumentação impregnada de dualismo religioso que influencia o comportamento do indivíduo e de uma comunidade a ponto de modificar a sua linguagem social e as mutações linguísticas.

Trata-se de um tema de grande relevância na sociedade acadêmica e comunidade em geral que precisa entender que todo discurso é ideológico e é sua capacidade de interpretação que legitimará tal argumentação como verdadeira ou falsa. Como, pois, o discurso religioso – carregado de conceitos sobre o sagrado e profano, magia, tabu e mito –, pode influenciar em nossa interpretação da linguagem social, exercendo influência, inclusive, no comportamento das pessoas quanto à linguagem e as mutações no significante e no significado?

Sabe-se que no discurso religioso, deduz-se o desnivelamento e a assimetria na relação entre o locutor e ouvinte. Em adição, a voz no discurso religioso se fala em seus representantes (Padre, pastor, profeta, apóstolo, guia), que são líderes carismáticos com forte poder de influência, sendo essa uma forma de relação simbólica. Nesse processo, há uma elitização pelo que se chama fé, que separa os fiéis dos infiéis, os convictos dos não convictos, de modo que esse é o parâmetro pelo qual delimita a comunidade.

Por conseguinte, para sustentar este campo conceitual, fundamentar-se-á nos principais teóricos desta linha de pensamento como Orlandi, Fiorin, Bakhtin, Koch, Bourdieu e Saussure; e a metodologia aplicada será o método científico dialético. Já o procedimento técnico se baseia na pesquisa bibliográfica, valendo-se do critério de comparação de literaturas similares, e estudos adquiridos na formação acadêmica.

2 UMA PRÉVIA EM SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

No senso comum, a semântica é a teoria que está inserida numa teoria maior que é a da semiótica que, por sua vez, analisará o significado, o simbolismo e o comportamento dentro do discurso, ou seja, semântica é interpretação. Fiorin (2000, p. 11) afirma que a "Semântica define-se, normalmente, como estudo do significado ou teoria da significação".

A semântica aqui tratada não é aquela notoriamente estruturalista, fiel à gramática normativa, mas àquela que se inclina à linguística que se declara ser uma parte cognitiva da semântica argumentativa, que faz uso das estruturas de significado, dos processos correntes, produção e compreensão do significado. Exige-se, pois, uma cognição mais ampla e global, afim de que a interpretação não seja local, desatualizada e descontextualizada da realidade. Por isso, a semântica, nas palavras de Cançado (2008, p. 15) "é o estudo do significado das línguas".

Similarmente, é consensual a ideia de que saber ler é conhecer os sinais gráficos e saber como transformá-los em sinais sonoros. Da mesma forma, pensam em Interpretação como o entendimento da mensagem intrínseca em um texto lido. Há, contudo, o desafio de interpretar o discurso escrito e mais ainda, o falado, pois o "ser humano produz diferentes formas de linguagem com o objetivo de gerar as diferentes mensagens, os diferentes significados, em diferentes contextos" (TELLES, 2010, p. 14).

Com isso, "entender linguagem como forma de interação significa reconhecer o seu caráter sócio-histórico, isto é, perceber que é em sociedade que a linguagem se constrói, que é apreendida por seus usuários e que é por elas modificada" (HARTMANN; SANTAROSA, 2009, p. 20).

Contudo, o discurso tem sua regulamentação e funcionalidade que possibilita a absorção entre reciprocidade social e histórica, pertencente ao sistema e a realização do mesmo.

Ou seja, que os sentidos não estão nas palavras, mas no que as usam e fazem-no de acordo com seu *status quo*. De maneira que o discurso é determinado pela posição social do sujeito, seja ela ideológica, social ou histórica, pois "podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmo, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem" (ORLANDI, 2003, p. 43).

Por conseguinte, o que se fala não é pessoal. Deveras, as palavras carregam significados através da história e pela língua. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Certamente, ele se tornou um produto do seu contexto e realidade. Ela não trata de conhecer profundamente a gramática, como afirma Jakobson (2007, p. 70) que "em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical".

2.1 A Bíblia como fonte de gêneros textuais e figuras de retórica

Na articulação do argumento ideológico do discurso religioso, pode-se, pois, afirmar que a linguagem redefinirá expressões consideradas, antes, sagradas, mas que recebe outros significados e tornam-se vícios de linguagem como clichês e chavões, como é caso das expressões: a) tá amarrado; b) só o sangue; c) conte a benção; d) quem quer receber uma bênção de Deus hoje, levante a mão; e) você nasceu pra ser cabeça, não cauda; f) o Reino de Deus precisa de um candidato na Câmara, vamos eleger, portanto, nosso irmão que vai fazer a diferença; g) Tudo é miçanga, só Deus é joia; h) não sou dono do mundo, mas sou filho do dono; i) olhe para o seu irmão do lado e diga: Eu amo você; j) quando você não entrega o dízimo na casa de Deus, Ele não tem compromisso financeiro com você; k) restitui, eu quero de volta o que é meu; l) Deus vai enxugar suas lágrimas; m) sonhe os sonhos de Deus; n) quanto mais glória você manda pra cima, mais glória Deus manda pra baixo; o) você que não dá o dízimo não tem moral pra exigir nada de Deus; p) vamos pisar na cabeça do diabo, pois ele só conhece o número do meu sapato; q) meu irmão, você precisa da nossa cobertura; r) se não vier pelo amor, vem pela dor; s) não toque no ungido do senhor (chavão); t) Olhe para o irmão do lado e diga "você está bonito hoje"; u) tem gente que lê muito e só cresce em sabedoria humana. O importante é o conhecimento de Deus; v) dê o melhor que você tem, Deus não quer troco de ônibus; x) estou passando pelo estreito... (GONDIM, 2011).

De fato, trata-se de uma realidade em nível de cultura religiosa e, deveras, tais erros dizem respeito às diversas ideologias religiosas que usam a Bíblia como livro sagrado, bem como a falta de preparo para uma análise profunda de seu significado e contextualização, seu significado literário, com uma diversidade de gêneros textuais nela inseridos, podendo, dessarte, extrair dela as lições mais

sublimes para a vida em sociedade, pois é através de tais recursos linguísticos que uma cultura transmite seu modo de pensar, agir e sentir (FARIA, 2015, p 11).

Contudo, na atualidade, ainda há uma pequena parcela que, empregando a Bíblia como fundamento do discurso, entendem-na como um livro onusto de figuras de linguagem que enfatizam as ideias que conduzem pensamentos coerentes e significativamente relevantes para a vida do fiel. Ademais, como os gêneros literários são expressões de pessoas ou grupos, considera-se que:

> [...] Conforme o estilo do escritor, o gênero literário se apresenta em suas mais variadas formas literárias como a poesia, prosa, historiografia, cântico, mito, conto, saga, lenda, sentenças diretas e casos. Cada povo, ao seu modo transmite a sua cultura, fazendo uso de gêneros literários. E cada um de nós se identifica com esse ou aquele gênero [...] (FARIA, 2015, p. 11).

Por isso, perde-se muito, na formação cognitiva do fiel com o desprezo de uma rica fonte literária contida na Bíblia como[3]: a) as biografias de Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Davi, Salomão, Jesus e Paulo; b) as narrativas, como é o caso do Gênesis, os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos; c) a poesia, como é o caso dos livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares; d) a sátira, quando o sábio fala do preguiçoso em Provérbios 24, versos 30-34; a parábola do juiz iniquo narrada no evangelho de Lucas 18,1-8; e) a tragédia, como é o caso da estória de Ló em Gênesis 18 e 19, Sansão e o rei Saul (HENDRICKS, 1998 apud FILHO, 2012, p. 19-20).

Da mesma forma, não é justo deixar de referir-se: f) ao conto, como é o caso da mulher de Ló que virou uma estátua de sal; a luta de Jacó com o anjo; o pequeno Davi e Golias; a capa de Elias que divide as águas; g) à saga, como a história de Agar e seu filho Ismael, o bebê Moisés escondido num cesto nas águas do Nilo, o livro de Jonas; h) à lenda, como é o caso da manifestação de Deus a Agar em Beer-Laai-Roi, o sacrifício de Isaque, os capítulos 1 ao 6 do livro de Daniel; i) à novela, como a do herói José do Egito que está registrada em Gênesis 37-50, o livro de Rute, de Ester, Tobias e Judite; j) à fábula, como é o caso da estória das árvores que elegem para si um rei como está registrado no livro de Juízes 9, versos 8-15; a jumenta que fala a Balaão como registrado em Números 22 (FARIA, 2015, p. 22-31).

---

[3] As citações da Bíblia são tiradas da **BIBLIA SAGRADA**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4 ed. – Barueri: SBB – Sociedade Bíblica do Brasil, 2011 e **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Nova Edição, revista e ampliada. 6ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2010.

De igual modo, na linguagem bíblica, não se usa as figuras de pensamento somente em algumas passagens, antes, percebe-se as figuras de estilo enfaticamente destacadas e divididas em figuras de palavras como: a) a metáfora, como nas expressões “videira verdadeira” e “cordeiro de Deus”; b) a sinédoque como é o caso do enunciado “beber o cálice do Senhor” e “a minha carne repousará segura”; c) a metonímia, como é o caso da expressão “se eu não te lavar, não tens parte comigo”, e “o sol se converterá em trevas e a lua em noite”; d) à alegoria, tendo como exemplo a narrativa de “Sara e Agar” e “as duas águias e a videira”; e) a comparação ou símile, como é caso da expressão “ao anoitecer, uivam como cães em volta da cidade” e “sou como o pelicano no deserto” (FILHO, 2012, p. 22-24).

Em seguida, vem as figuras de pensamento como: a) a antítese, que podemos tomar como exemplo o enunciado “Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”; b) a apóstrofe, nas palavras de Davi: “Absalão, meu filho, meu filho Absalão”; c) o clímax ou gradação, que é o ponto culminante do enunciado como “[...] nem a morte, nem a vida, nem os anjos [...] nos poderá separa do amor de Deus [...]”; d) o paradoxo, na expressão “porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á”; e) a ironia, como é o caso da seguinte passagem bíblica: “Clamai em altas vozes, porque ele é um deus; pode ser que [...] tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; talvez esteja dormindo, e despertará”; f) a hipérbole, como os seguintes exemplos: “farei tua descendência como o pó da terra”; g) a prosopopeia, como a citação “os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Ibidem, p. 24).

No entanto, o que leva os agentes discursivos, que usam como fonte para seus discursos a Bíblia, rejeitarem ou exagerarem nas figuras de estilo usados registradas em suas páginas?

Supostamente, o que desencadeia tais atitudes tem a ver com o comportamento idiossincrático e ambicioso do agente discursivo e/ou a força do dogma institucional respaldado pela organização e ordem religiosa à qual é convencionado e subserviente por razões financeiras e/ou por conveniência social.

3 DISCURSO E IDEOLOGIA

A semântica argumentativa não só trata com significados e intenções, mas com referência ou extensões.

Com isso, entre as várias propriedades da semântica argumentativa, está o critério de verdade e falsidade que, por sua vez, está associada às ideologias sempre identificadas como crenças falsas e enganosas por ser impetrada por uma elite dominante com o fim de camuflar sua dominação.

No entanto, não há uma ideologia verdadeira ou falsa, apenas ideologia. É o indivíduo, como receptor, que a legitima como verdadeira ou falsa, como por exemplo, a abordagem de temas como a ideologia de gênero, o racismo, a homoafetividade, aborto, divórcio, ateísmo ou até mesmo religiosidade.

Como, pois, o sujeito se constitui no discurso? No caso do discurso ideológico religioso, o agente se apresenta como um enviado de Deus. Com isso, abertamente, ele transfere a responsabilidade da mensagem e suas consequências a Deus. Logo, ele se coloca como um mediador entre Deus e os fiéis. Trata-se do uso da língua num contexto sócio-ideológico.

> Se, com Saussure, as discussões prendiam-se à oposição língua/fala, em Bakhtin, trilhar-se-á por uma interseção de língua e sujeito reciprocamente se atravessando como frutos de um contexto sócio-ideológico. O que fazem não é uso da língua como dispositivo acessado, mas uso enquanto discurso – língua em (inter)ação, língua em movimento (PRUDÊNCIO, 2004, p. 23).

A religião é, pois, rica em sistemas simbólicos. Símbolos cujos significados permanecem há anos e são usados de geração em geração. Tais estruturas são usadas nos discursos para que o fiel seja condicionado ideologicamente. A religião é um sistema de símbolos pela:

> [...] aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e, assim, só podem organizar o mundo natural e social recortando classes antagônicas, como pelo fato de que engendram o sentido e o consenso em torno do sentido por meio da lógica da inclusão e da exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção. Estas “funções sociais” [...] (BOURDIEU, 2007, p. 30).

Por exemplo, o ministro de confissão religiosa como o sacerdote católico, bem como o pastor evangélico, são condicionados pelos dogmas e convenções de suas

denominações que, após restrita seleção, serão instrumentos de persuasão de suas ordens com o objetivo de convencer seus fiéis de que sua visão de mundo é a melhor e mais acurada. Tratando-se de clérigos:

> Todos fazem parte de um novo campo de lutas pela manipulação simbólica da condução da vida privada e a orientação da visão de mundo, e todos colocam em prática na sua ação definições concorrentes, antagônicas, da saúde, do tratamento, da cura dos corpos e das almas. Os agentes que estão em concorrência no campo de manipulação simbólica têm em comum o fato de exercerem uma ação simbólica. São pessoas que se esforçam para manipular as visões de mundo (e, desse modo, para transformar as práticas) manipulando a estrutura da percepção do mundo (natural e social), manipulando as palavras, e, através delas, os princípios da construção da realidade social [...] (BOURDIEU, 2004, p.121-122).

Por isso, "uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias, que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo" (FIORIN, 2004, p. 32).

Assim, a formação ideológica de sacerdotes cristãos estão vinculadas as suas organizações, daí porque os temas dos sermões estarão intimamente fundamentados a sua forma de pensar quanto à realidade da vida. Pois, "como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal e não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem" (ORLANDI, 2003, p. 32).

Consequentemente, tanto os clérigos como os fiéis, ao longo dos anos de vivência com o seu grupo social e religioso, são formados ideologicamente por processo linguístico legitimado pela instituição com as decisões políticas da sede ou convenção.

Pode-se afirmar que os mecanismos reprodutores são de um tipo de formação social, ideologicamente fomentada pela linguagem. "Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação" (ORLANDI, 2003, p. 32).

No discurso religioso, o fiel sempre é ensinado a crer, não a pensar; alienado de sua realidade, é subjugado por um mundo de especulações e fantasias, mas nunca é ensinado a mudar a sua história. Os temas sempre são os mesmos e jamais buscam responder a questionamentos, mantendo-os numa angústia existencial que os escraviza na letargia, pois:

> Os sistemas religiosos sempre desempenharam um lugar central na configuração da realidade tanto coletiva como individual, fornecendo explicações sobre as questões essenciais que sempre preocuparam os homens em todas as épocas: a vida, a morte, a doença, a infelicidade, o sofrimento, a vida além da morte [...] (PEÑA-ALFARO, 2006, p. 56).

Logo, há um certo cuidado em sua estrutura morfológica, sintática e semântica, tendo como objetivo alcançar seu ouvinte e mudar suas concepções, sejam elas reais ou ideais. Em resumo, os clérigos são reprodutores ideológicos e suporte de discursos, não agentes do discurso.

Segundo as palavras de Fiorin (2004, p. 43):

> O falante, suporte das formações discursivas, ao construir seu discurso, investe nas estruturas sintáticas abstratas, temas e figuras, que materializam valores, carências, desejos, explicações, justificativas e racionalizações existente em sua formação social [...] Por ser produto das relações sociais, assimila uma ou várias formações discursivas, que existem em sua formação social, e as reproduz em seu discurso.

Por isso, podemos ousar dizer que os agentes do discurso – os sacerdotes – pertencem a uma classe dominante e suas mensagens são idealizadas pelo critério de poder e a partir da influência que exercem.

Um discurso tal como este onde o pregador diz:

– *Você é importante para Deus! Sua vida nunca mais será a mesma depois desse dia, pois Deus de antemão predestinou esse momento, para que você tivesse sucesso e se tornasse outra pessoa. Isso tudo porque ele acredita em você. De milhões de seres humanos que vivem hoje na cidade de Manaus e em todo Estado do Amazonas, ele te escolheu para estar aqui nesse recinto sagrado. Hoje, um milagre espera por você!*

Trata-se de um discurso vibrante e que abala as estruturas emocionais de uma pessoa deposita sua esperança e fé nas palavras poderosas do sacerdote, pois:

> A linguagem tem também influência sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva e negativamente [...] (FIORIN, 2004, p. 55).

Desta forma, coercitivamente, o ser humano é contingenciado a ser o resultado de um sistema pensado e engenhosamente planificado, pois “o homem é visto como um ser condicionado mecanicamente pelo meio, a hereditariedade e o momento” (FIORIN, 2004 p. 63). Consequentemente, ele vive sob uma entidade psíquica, isto é, aquilo que se refere ao poder da palavra.

Por isso, nas palavras de Saussure (2012, p. 106), “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces”.

E isso é arbitrário pelo fato de não ter qualquer tipo de ligação natural ao significado. De fato, é o meio, a cultura, a sociedade, o contexto que dará sentido ao signo. No entanto, isso não quer dizer, de forma alguma, que o significado dependa exclusivamente daquele que fala.

Ninguém, pois, tem direito de mudar no signo aquilo que já, de antemão, fora estabelecido por um grupo. Não temos o direito de mudar as palavras. No entanto, somos responsáveis, sim, pelo significado que damos a elas. Para Saussure (2012, p. 108), “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total de resultante da associação de um significante com significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”

A língua surge em função do tempo, e tem a ver com estabilidade nesse sentido, pois está vinculada à sociedade e sujeita ao tempo. Graças à arbitrariedade, a escolha é livre; graças ao tempo, a escolha é impossível.

4 A INFLUÊNCIA IDEOLÓGICA DA ARGUMENTAÇÃO RELIGIOSA

No medida em que sucedem transformações nas/pelas diversas classes sociais, a relação do significante enfraquece a língua com o passar do tempo. Já o significado é consequência da arbitrariedade do signo. A língua não é livre porque está sempre dependente de constantes alterações e desvios, influenciado pelas transformações e alterações no comportamento social da classes sejam dominantes ou dominadas, pois a sociedade muda e é afetada pelo tempo. Por isso, o:

> [...] tempo, que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito [...] Pode-se falar, ao tempo, da mutabilidade e da imutabilidade do signo? [...] o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade [...] Sejam

> quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante (SAUSSURRE, 2012, p. 114-115).

Toda a sua vida será influenciada por esses signos construídos na história de sua sociedade. Pois, "tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo" (BAKHTIN, 1988, p. 29).

Ou seja, que o discurso religioso faz uso dos signos dando-lhes um significado peculiar e monovalente, coagindo os ouvintes a aceitar sem questionar o que está estabelecido. Com isso, o discurso religioso, sendo uma prática social, mas que faz uso de recursos linguísticos está sujeito à avaliação. Contudo, esta avaliação dos temas que são desenvolvidos por ele foram negligenciados e desprezados. Ou seja, que:

> [...] Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (BAKHTIN, 1988, p. 30).

Por conseguinte, os discursos religiosos deverão ser singularizados dos demais discursos regulamentados. De modo que o teor preeminentemente suasório contido no discurso religioso, somado à ideia de onipotência e onipresença do deus ostentado, formaliza o discurso com o intuito de ser convincente e sobremodo persuasivo, em que o adepto está desautorizado de questionar, de somar com a sua avaliação, atitude essa que corrobora a autoridade inquestionável de seus ministros, licenciando-os ao controle ideológico de seus seguidores, como expressa Bakhtin (2007, p. 31):

> No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico, que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.

De certa forma, a língua é dinâmica, sujeita às mudanças sociais e estruturais, inclusive as religiosas. Dessarte, como ela faz uso de todas as

faculdades linguísticas disponíveis, com certeza essas valências sofrerão as mudanças de significante e de significado.

Para Bakhtin, o sujeito é mais do que aquele que comunica algo ao receptor. Trata-se de alguém que representa uma sociedade, é um ser social que vive num momento histórico, tem desejos e interesses. Logo, quando se comunica, também se interage, e recebe e influências ideológicas. Essa é a razão pela qual:

> [...] na visão bakhtiniana da linguagem, a constituição do sentido não estaria na automática correspondência saussureana entre o significado e o significante, mas na atribuição de sentido resultante da relação locutor-interlocutor. Vê-se, assim, que o vão que paira entre o significado e o significante é maior para Bakthin do que para Saussure. E será justamente nessa distância que o ideológico – resultado do histórico-social – marcar-se-á como preenchimento e ganhará tanta atenção que, na teoria bakhtiniana, o signo passa a ser entendido como representação ideológica por natureza. E mais: é justamente nesse espaço que as várias vozes vão-se misturando às do sujeito como condição de uso deste, numa eterna constituição permanente de sentidos subordinados a contextos específicos [...] (PRUDÊNCIO, 2004, p. 21).

Um líder religioso, por exemplo, em seu sermão persuasivo lê na Bíblia uma citação do livro do profeta Jeremias, capítulo 23, verso 29, onde está escrito: “Não é a minha palavra como o fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a penha?” (BIBLIA SAGRADA, 2009, p. 1024).

Nesse momento, o orador usa o seu poder religioso para afirmar, baseado nessa citação bíblica lida, que todos os problemas serão esmiuçadas pelo poder de Deus que será movido pela oração transcendental e mágica que ele, como uma autoridade carismática, fará.

Nesse sentido, o signo passa a ter força de expressão. O martelo, que é uma simples ferramenta de um carpinteiro, no discurso metafórico significa a ação do poder de Deus que desfaz todo mal, ganhando força e sentido para esse contexto. Pois, o pregador, o padre, o pastor se utiliza da figura de linguagem, através do processo de transferência ou transposição, distanciando-se do plano de base para o plano simbólico; nesse caso, discursivamente, o martelo bandeia-se de uma ferramenta para um símbolo milagroso, que quebrará todas as pedras do caminho do receptor. É a lógica da consciência, pois:

> [...] A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o

> alimento [...] A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. (BAKHTIN, 1988, p. 34).

No discurso religioso, o fogo, a água, os trovões, o mar, o céu, a terra, a serpente, a águia, a pomba, o cordeiro, o leão, o joio, o trigo, são símbolos no discurso religioso, que possuem significados próprios e, geralmente, inalteráveis, pois "cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela" (Ibidem, p. 35).

Em geral, nos programas religiosos midiáticos, os líderes religiosos fazem uso exagerado de metáforas e provocam mutações nos significados de muitos signos. É de praxe que sempre tenha um slogan do tipo: "uma benção espera por você", "venha receber a sua benção", "você não sairá deste recinto sagrado sem receber a sua benção".

A palavra benção, inclusive, passa a ter um sentido mais amplo hoje. Historicamente, a benção era uma dádiva sagrada outorgada por Deus pela sua graça ou amor imerecido dado a meros pecadores, indignos de qualquer beneficência ou socorro divino. Atualmente, no entanto, no discurso do ministro religioso, a benção é um produto de troca, de venda. Você paga e a divindade se sentirá constrangida em outorgar. A benção passou de dádiva a produto de compra e venda. Por isso, Bakhtin (1988, p. 43) diz que:

> [...] Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo [...].

De modo que a semiótica da palavra benção sofreu mudança no decorrer dos anos, e seguirá em mutação, pois é a dinâmica dos signos que sofre sobre si as transformações como é esclarecido nas palavras do próprio Bakhtin (1988, p. 44), que afirma que "realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e, portanto, também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados".

Com frequência, nas instituições religiosas cristãs, os adeptos confirmarem o discurso do seu líder com a palavra "amém". Essa palavra quer dizer "assim seja", de maneira que não há como discordar, pois não há um "desamém", Logo, ao dizerem em uníssono amém, legitimam a característica autoritária do discurso. Assim, os fiéis são levados, obrigatoriamente, a concordar com a palavra de Deus transmitida pelo sacerdote.

Nas palavras de Bakhtin (1988, p. 45):

> O tema e a forma do signo ideológico estão indissoluvelmente ligados, e não podem, por certo, diferenciar-se a não ser abstratamente [...] Assim, os temas e as formas da criação ideológica crescem juntos e constituem no fundo as duas facetas de uma só e mesma coisa [...] Este processo de integração da realidade na ideologia, o nascimento dos temas e das formas, se tornam mais facilmente observáveis no plano da palavra. Este processo de transformação ideológica refletiu-se na língua, em grande escala, no mundo e na história [...].

Destarte, todas as denominações religiosas, através de seus agentes discursivos – sacerdotes, pastores, apóstolos, bispos, reverendos –, usam uma só e a mesma língua. O que as diferenciam são, de fato, as lutas de classes que são refletidas no conjunto de dogmas (tema e forma) que cada uma adota e defende ideologicamente. Esse único signo usados por todos, torna-se o campo de batalhas e disputa mercadológica por espaço na vida de seus clientes, os receptores. Sem embargo, essa peleja torna o signo móvel, vivo, dinâmico e evoluído. De outro modo, estaria destinado a debilitar-se ou degenerar-se em discursos alegóricos, como está elucidado pelo próprio Bakhtin (1988, p. 45)

> O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes [...] Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua.

Não obstante, o signo que é polivalente e, poderá ser, também, monovalente, pois pode tornar-se um instrumento para deformar os sentidos dos ouvintes, pelo fato de ser utilizado pela classe dominante, cuja tendência é atribuir ao pensamento ideologicamente construído um caráter etéreo e acima das desproporções sociais, a

fim de reprimir ou suprimir o dissentimento dos desfavorecidos. De fato, é um jogo ideológico, como expressa as seguintes palavras, onde:

> Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária (BAKHTIN, 1988, p. 46).

Geralmente, a ideologia perpassa entre os espaços do enunciado e da mutualidade de forma que, na prática do discurso, são salientados os princípios ideológicos que regidos por determinado emissário, e no momento que o receptor capta a mensagem, ela será interpretada, reinterpretada e refletida de acordo com os preceitos que gira em torno de seu mundo, nesse caso o mundo religioso. Assim aborda Koch (2004, p. 17) dizendo que “por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer que compartilhe de suas determinadas opiniões”.

Com isso, a influência ideológica da linguagem religiosa é caracterizada como um argumento, isto é, um discurso carregado de convicções. Daí porque a persuasão é a característica cardinal do discurso religioso, a intenção de convencer com o objetivo de conquistar adesão a seus princípios.

> [...] É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo [...] (KOCH, 2004, p. 17).

Assim, entre as diversas formas de discursos persuasivos, está o discurso religioso usado por seus agentes – pastores, sacerdotes, bispos, apóstolos –, por ser de cunho social que difunde um sistema de crenças que chama a atenção do homem a sujeitar-se a uma divindade por meio de um relação de temor e tremor. Esse deus soberano, por sua vez, se sente honrado com oferendas e sacrifícios, desde que mediadas pela própria instituição religiosa e abençoadas pelo seu pontífice.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura pluralizada do Brasil é fundamentalmente religiosa. Razão pela qual, seja qual for a forma cultural que se adote em um país, estado, cidade, comunidade ou tribo, seus estudos devem ser iniciado pela religião, seja a dominante ou as de pouco impacto social, pois é a partir dela que todo comportamento sociolinguístico e psicológico de uma sociedade será estabelecido.

Por conseguinte, a linguagem sofrerá forte influência e os signos, supostamente, terão interpolações ideológicas e sofrerão mutações em seus significantes e significados. No entanto, essa é a dinâmica da língua e seus signos. Contudo, perseveramos no estudo da linguagem na linha de pensamento da semântica argumentativa. Os elementos estudados, pois, foram a semântica e sua definição; identificamos os gêneros textuais, bem como as figuras de retórica na Bíblia; fizemos uma análise sobre o discurso e a ideologia e o discurso ideológico religioso em si.

Certamente, o estudo da semântica argumentativa é um campo bastante diversificado e os recursos bibliográficos são disponíveis em bibliotecas e sítios da internet, no entanto, no que diz respeito ao discurso religioso ideológico é muito mais complexo do que se prognosticou no início do trabalho, pois o argumento persuasivo da religião carrega em si um conjunto de situações como problemas sociais que incluem o descaso político na saúde, educação, as necessidades básicas da massa pobre que, na sua maioria, padece sem formação e percepção crítica aguçada para discernir sua realidade, ou seja, um discurso com interdiscursividade.

Logo, o discurso religioso explora a necessidade espiritual do ser humano, bem como a provisão mística da satisfação holística do ser. Em síntese, o discurso religioso argumentativo é parte de um processo num invólucro de perplexidade culturalmente entranhado em nosso cotidiano. De modo que, quanto mais se aprofunda na causa mais descobertas vêm à tona quanto às problemáticas linguísticas, argumentativas e persuasivas que têm sua origem numa instabilidade social e politicamente desinteressada em transformações.

Em suma, o discurso religioso é um largo campo de pesquisa, principalmente no ensino da redação argumentativa e sua diversidade semântica aplicada tanto nas diversas áreas do conhecimento como pelo cidadão comum de acordo com o seu grau de conveniência incitado, por sua vez, pela elite dominante.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução M. Lahud e Y. F. Vieira. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BIBLIA SAGRADA. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4 ed. – Barueri: SBB – Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, revista e ampliada. 6ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. - São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Vários Tradutores. - São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 15.

FARIA, Jacir de Freitas. **As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1-11: mitos e contramitos**. Petrópilis: Vozes, 2015.

FILHO, Tácito da Gama Leite. **Hermenêutica Bíblica: Linguagem e Contexto**. 3ª Impr. – Goiânia: CETEO, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da Análise do Discurso**. 9 ed. – São Paulo: Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** 8 ed., rev. e atual. – São Paulo: Editora Ática, 2004.

GONDIM, Ricardo. **Frases (evangélicas?) que não aguento mais.** Categoria: estudos, 2011. Disponível em <http://www.ricardogondim.com.br/estudos/frases-evangelicas-que-nao-aguento-mais/> Acesso em 14 de setembro de 2016.

HARTMANN, Schirley Horácio; SANTAROSA, Sebastião Donizete. **Práticas de Leitura para o Letramento no Ensino Superior.** Curitiba: Ibpex, 2009.

HENDRICKS, Howard G; HENDRICKS, William G. **Vivendo na Palavra**. Tradução de Talita Rose Bauler. São Paulo: Editora Batista Regular, 1998 apud FILHO, Tácito da Gama Leite. **Hermenêutica Bíblica: Linguagem e Contexto**. 3ª Impr. – Goiânia: CETEO, 2012.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24 ed. – São Paulo: Cultrix, 2007.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e Linguagem**. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. 5 ed. – Campinas: Pontes, 2003.

PEÑA-ALFARO, Alex Antonio. **ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE PERSUASÃO EM UM DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL**. Recife, 2006, 248 p.. Tese apresentada na Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em <http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/handle/123456789/7707> Acesso em 12 de setembro de 2016.

PRUDÊNCIO, Perpétua Guimarães. **PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA: UM LUGAR DE CONFRONTO ENTRE O DISCURSO PEDAGÓGICO E O DISCURSO CIENTÍFICO.** 2004, 101 p.. Dissertação apresentada na Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/dissertacoes/index.htm#2004> Acesso em 12 de setembro de 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28 ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

TELLES, Tenório (Org.). **Leitura – Conceito, Prática e Literatura**. Organização: Tenório Telles. Manaus: Valer, 2010.